

OBRA: "O BRASIL E A QUESTÃO JUDAICA - IMIGRAÇÃO, DIPLOMACIA E PRECONCEITO" (tradução de Marisa Sanematsu). Editora Imago, Rio de Janeiro, 1995, p. 372.

AUTOR: Jeffrey Lesser.

O livro editado pela IMAGO, *O Brasil e a Questão Judaica - Imigração, Diplomacia e Preconceito*, de Jeffrey Lesser, é um importante estudo sobre as relações entre racismo e nacionalismo no Brasil. Destaca especialmente as tensões existentes na busca da superação da questão africana e o reaparecimento da questão judaica. Os vários setores das elites dirigentes e as políticas imigrantistas, do final do século XIX e XX, procuraram ocultar o problema que reemergiu nos anos 30 deste século especialmente no período de Vargas.

Questionando os autores que defendem a idéia de continuidade entre as políticas inquisitoriais do século XVI e a exclusão no período atual, o autor apresenta em seu trabalho argumentos importantes sobre o cientificismo racista dos grupos dirigentes brasileiros no final do século XIX, afirmando que, de fato, pouco se pode reconhecer dos elementos discriminadores do período colonial, na ação dos produtores de café, que para se desvencilharem da questão africana, buscaram os europeus, brancos genericamente, classificando-os como católicos e não-católicos.

O sentido dessa homogeneização dos europeus deve-se, de um lado, ao desinteresse dos cafeicultores sobre os problemas socioculturais dos estrangeiros, e, de outro, ao fato de entenderem que os grupos que se deslocavam para o país seriam uniformemente alocados em unidades agrícolas sendo pouco relevantes os costumes que portassem ao se deslocarem para a América. Aponta que na década de 1880 houve um esforço em acomodar no Brasil os judeus russos expulsos pelo Czar Nicolau II, que pretendia impor a prática da religião ortodoxa russa em Moscou. O Comi-

*Universidade de São Paulo.

Rev. Bras. de Hist.	S. Paulo	v. 16, n.º 31 e 32	pp. 364-366	1996
---------------------	----------	--------------------	-------------	------

tê organizado para organizar a transferência desses grupos acabou desistindo devido ao processo republicano e à ênfase em sua natureza secular. O próprio representante do Comitê, Osvald Boxer, morreu de febre amarela, desanimando definitivamente seus correligionários.

Entre 1890 e 1924, a Jewish Colonization Association ou ICA, criada pelo Barão Maurice de Hirsch, de Gereuth, encarregou-se de transportar os judeus russos, poloneses e da Bessarábia para a Argentina e para o Brasil, onde fundaram duas colônias agrícolas na Rio Grande do Sul. A existência dessas colônias demonstrava a possibilidade dos judeus dedicarem-se a outras atividades distintas do comércio, das finanças e de domínio do capital das áreas urbanas. Outra característica dos grupos ali instalados é que se integravam na vida brasileira, contrariando os que defendiam hipóteses de seu desapego às regiões ocupadas. Naquele período, estimulava-se, na Europa, o sonho do "fazer a América", permitindo o início de uma nova vida que não poderia incluir uma volta para casa.

Para Jeffrey, os fluxos migratórios sofrem grande alteração com a Primeira Guerra Mundial, inicialmente por seu represamento, em seguida, devido ao desenvolvimento do que o autor chama de "movimentos nativistas", que se erguiam por todo o hemisfério ocidental no pós-guerra. Como no Brasil não houve definições de cotas para a entrada de imigrantes, seu número cresceu entre 1918 e 1919, sendo em 1920 apontados 69.000 imigrantes desembarcados; entre 1924 e 1934, chegaram mais de 93.000 pessoas do Leste europeu, das quais 30.000 eram judeus. As habilidades desses imigrantes em atividades financeiras e urbanas e as necessidades brasileiras desses trabalhadores fez com que a ascensão dos grupos judaicos fosse rapidamente notada.

O sucesso econômico e o desenvolvimento do nacionalismo fez com que os judeus percebessem que o governo iniciava um processo de abordagem negativa, dos judeus que não possuíam apoio diplomático de seus países de origem, tornando-se desse modo alvo fácil para as atitudes anti-semitas que crescem em todo o mundo, ao longo da década de 1930. Apesar disso, Lesser afirma que não houve oposição à entrada de judeus nesse período, nem houve mudança em seu padrão.

Encontrou, em documentações diplomáticas, queixas de posições pró-semitas, que foram introduzidas no governo brasileiro com a nomeação de Osvaldo Aranha para a embaixada dos Estados Unidos. Canadenses, ingleses e norte-americanos preocupavam-se com a imigração de judeus capitalistas para o Brasil, obrigando o governo, mesmo querendo receber e recebendo essa imigração cada vez maior com entusiasmo, a for-

mular leis cerceadoras e restritivas. Para o autor a existência das leis discricionárias não comprovam que elas tenham sido aplicadas contra os judeus no Brasil, questionando as teses defendidas por Anita Novinsky e Maria Luiza Tucci Carneiro, a respeito de posições intolerantes, fruto de uma história lenta, cujas permanências nos remeteriam à reinstalação da inquisição no período varguista.

No capítulo 1 o autor analisa a chegada dos imigrantes nas décadas de 1920/1930, exatamente o momento em que os indivíduos do Leste europeu e do Japão adentram ao país, introduzindo elementos lingüísticos e culturais até então desconhecidos.

No segundo capítulo, analisa o desenvolvimento do nacionalismo, do nativismo e das restrições impostas aos judeus como fatores importantes tanto da saída desses grupos da Polônia, da Rússia e da Alemanha, como de sua entrada no Brasil pela ausência de legislações impeditivas.

O terceiro capítulo trata da resposta do Brasil à questão judaica, especialmente a vinculação no imaginário das elites da intolerância de Torquemada, defendendo sua aproximação à Gaubinaut.

No quarto capítulo, discute a polaridade Anti-semitismo ou Filo-semitismo, fazendo um belo debate historiográfico que percorre a produção brasileira sobre o tema e detalhando elementos das múltiplas fontes obtidas nos vários arquivos diplomáticos em que trabalhou.

O quinto capítulo refere-se às posições do papa, de Getúlio Vargas e dos refugiados de guerra que nunca vieram ao Brasil.

No Epílogo, "Judeus Brasileiros e Brasileiros Judeus", o autor debate a integração da comunidade judaica no país e defende a idéia que sempre foi possível aos judeus desenvolverem suas habilidades profissionais e sua cultura, já que não se cristalizou um sentimento anti-semita no país. O autor oferece em apêndice um conjunto documental sobre a população e a imigração judaica para o Brasil de grande validade para os estudiosos sobre o tema. As divergências com os trabalhos recentes sobre o tema estimulam o debate teórico e os acervos documentais utilizados motivam novas pesquisas.